

A traição das badaladas

INTERMÉDIO

As manas Brioso tinham vindo da aldeia de Carvalhal das Romãs para estudar em Viseu na Escola Comercial, em 1944. Eram três irmãs, separadas em idade por dois anos, quase exatamente: 12, 14 e 16 anos. Quem as visse, não adivinhava o parentesco. A mais velha era grande, gorda e bastante bonita; a do meio era gaga e metia os pés para fora; a mais nova era um pouco enfezada, por ter muito mau feitio, diziam.

Coisa herdada da mãe, diziam também. Mulher arguta e desconfiada de todos. Ninguém lhe via os dentes. A severidade com que lidava com as filhas era conhecida. Apanhar pancada de chinelo e cabo de vassoura por causa de um copo que se partiu ou de um chão mal encerado era comum. Os vizinhos chegavam-se à porta a interceder pelas raparigas. O cão raspava-se da soleira da porta a interceder pelas raparigas. O cão raspava-se da soleira da porta a cainhar e só voltava ao outro dia. O pai tinha um carro de praça, saía cedo e chegava tarde, e o cansaço não o deixava interrogar-se do porquê do silêncio sepulcral das raparigas em certos serões.

Elas resistiam àquilo porque armaram uma espécie de conluio contra a mãe. Riam-se dela, espreitando-a pelo buraco da fechadura do quarto a mirar-se ao espelho só de cinta e sutiã.

– Parece um pipo! – chiavam elas de riso.

Quando a mãe ia à rua e elas sabiam de antemão que era coisa de demora, vestiam-lhe a roupa, calçavam-lhe os sapatos e imitavam-lhe os esgares de tirana. Brincadeiras de criança, que elas sentiam como uma ação de resistência.

Crianças, era o que elas eram. Por exemplo, tinham medo do Latróias, o pobre diabo que, dia sim dia não, passava na rua a recolher o lixo e o ferro-velho. O homem tinha um olhar inofensivo, vazio, de fome, mas o mau cheiro que exalava, as luvas imundas, sem dedos, os sobretudos vestidos uns por cima dos outros faziam os pesadelos das moças, de mistura com histórias que aqui e ali as pessoas contavam:

Na Serra de São Macário, no caminho «do morto que matou o vivo», os lobos comeram um desgraçado e só lhe deixaram os pés dentro das botas!

Mas, ao mesmo tempo, já caminhavam para raparigas. Ao domingo à tarde faziam de tudo para poder sair e passear na Praça do Município com as outras raparigas, olhando de soslaio os jovens tropas de riso atrevido. Para obterem autorização da mãe, era um castigo. Sobretudo depois do caso do «Baile da Gravata e Meia».

No ano anterior, a cidade de Viseu tinha sido abalada por um grande escândalo. Ninguém falava abertamente do sucedido, mas parece que num certo salão de jogos de uma certa casa, propriedade de um

ilustríssimo habitante da cidade, a Polícia de costumes foi dar com uma animada festa em que os convivas se encontravam muito parcamente vestidos: eles só com gravata e elas só com meias de vidro até à coxa.

Passavam-se semanas sem que as três irmãs pudessem pôr o pé na rua para um passeio. Muito esporadicamente, por intervenção do pai, lá calhava de irem – mas só por um par de horas.

Certa vez, aí pelo mês de março, já com os dias maiores, a mãe autorizou uma saída, mas apenas das 15h30 às 17h. Hora e meia não dava para nada!

A irmã do meio, que era a mais espreitada, sugeriu então que, antes de saírem, atrasassem o relógio da sala, o único da casa.

E assim foi. À tarde, as moças saíram, passearam-se na praça, deram de comer às pombas do parque, encontraram amigas de escola e, finalmente, por volta das 18h - 17h no relógio da sala – trataram de regressar a casa.

Ainda não tinham acabado de subir as escadas para a cozinha, ouviram a mãe:

– Andai cá!

– Que foi, minha mãe? – perguntou a irmã do meio.

– Qual das três atrasou o relógio?

Nem uma palavra.

Já sabiam o que vinha a seguir. Cabo de vassoura pelas costas abaixo, à vez. A mãe não batia com a mão, porque lhe ficava a doer.

Enquanto apanhavam, as três irmãs interrogavam-se sobre como é que a mãe tinha ficado a saber do atraso do relógio. Elas tinham feito a manobra muito disfarçadamente e a mãe não tinha relógio de pulso... Como foi possível?

Nesse dia, foram para a cama sem jantar. Dormir com a barriga vazia é difícil, além de que as inquietava não perceberem onde é que o plano tinha falhado.

Era já quase meia-noite e elas sem dormirem. Daí a pouco, soaram as 12 badaladas, vindas da Sé.

– Raios partam! – gritou a mais nova. – Foi o sino da torre!

Ficha Técnica

Título: “A traição das badaladas”

Obra: Contos com nível (B2)

Autoria: Ana Sousa Martins

Editora: LIDEL

Edição: 1.^a

Páginas: 7-10

Ano: 2017